

Lição 8 - Abstração

Intellectual

TEXTO 429b5-429b22 - LIVRO III, CAPÍTULO IV, CONTINUAÇÃO

ABSTRAÇÃO INTELECTUAL

Mas quando se torna objetos particulares, como num homem, da ciência, diz-se que o intelecto está em ato. (Isso ocorre tão logo tal indivíduo é capaz de operar por si mesmo.) Ele está, então, de certo modo ainda em potência, mas não da maneira como estava antes de aprender ou descobrir. E, então, também é capaz de pensar a si mesmo. §§ 700-704

Agora, assim como a dimensão é uma coisa e o ser da dimensão é outra, e como a água é uma coisa e o ser água é outra, e assim com muitas outras coisas (mas não todas, pois em certas coisas "carne" é o mesmo que "ser carne"), discrimina-se, portanto, ou por alguma outra [faculdade] ou pela mesma faculdade disposta de modo diferente. Pois a carne não é separável da matéria; é como o nariz chato, uma [coisa] existente na outra. Discerne-se, portanto, pela faculdade sensitiva o que é quente, o que é frio e qualquer outra coisa da qual a carne é uma certa proporção. Mas, ou por outra faculdade separada, ou como se estivesse curvada sobre si mesma (enquanto anteriormente estava reta), percebe-se o ser da carne. §§ 705-13

Novamente, na esfera abstrata, a linha reta é como o nariz chato; pois acompanha o contínuo. Mas sua essência, se o ser [reto] é diferente de uma linha reta, é outra. Seja, por exemplo, a Dualidade. Então [a mente] discerne ou por outra faculdade ou pela mesma disposta de modo diferente. Em geral, portanto, assim como as coisas são separáveis da matéria, assim também são as operações intelectuais. §§ 714-19

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LEITURA OITO

§ 700. Tendo chegado a certas conclusões sobre o intelecto como potencial em relação aos objetos inteligíveis, o Filósofo agora passa a mostrar como ele é atualizado. E primeiro mostra que ele é atualizado de forma intermitente; e depois, em "Agora, assim como a dimensão", qual é o objeto preciso de sua atualização.

Ele explica como o intelecto é atualizado da seguinte forma. A alma intelectual está, como dissemos, apenas em potência para suas ideias no início. "Mas quando se torna objetos particulares", i.e., quando a mente atinge o grau de apreensão atual dos inteligíveis encontrado no

conhecimento possuído habitualmente por um homem de ciência, então já pode ser chamada de intelecto em ato; e esse grau é alcançado tão logo alguém é capaz de produzir, por iniciativa própria, a atividade intelectual chamada entendimento. Pois a posse atual de qualquer forma coincide com a capacidade de agir de acordo com ela.

§ 701. Contudo, embora uma mente já esteja, de certo modo, em ato quando possui noções inteligíveis à maneira de quem possui uma ciência habitualmente, não obstante a mente está então, de certo modo, ainda em potência; embora não da mesma maneira como estava antes de adquirir a ciência, seja por tê-la aprendido ou por seus próprios esforços. Antes de adquirir o hábito de uma ciência — que é seu primeiro estado de atualidade — ela não podia se atualizar à vontade, precisava ser levada ao ato pela mente de outro; mas uma vez adquirido tal hábito, o intelecto tem o poder de se levar à ação à vontade.

§ 702. O que é dito aqui refuta a posição não aristotélica de Avicena sobre as ideias inteligíveis. Avicena sustentava que as ideias não são retidas pelo intelecto potencial, mas existem nele apenas enquanto ele está realmente entendendo. Disso segue que, para esse intelecto chegar ao ato de entender algo, ele deve recorrer a um intelecto ativo separado, fonte das ideias inteligíveis na potência intelectual.

§ 703. Mas contra isso Aristóteles está claramente dizendo que a maneira como a mente se torna realmente possuidora de ideias é a de alguém que, possuindo uma ciência habitualmente, está ainda em potência para um dado ato de entendimento. Assim, a mente que realmente entende possui suas ideias na mais plena atualidade; e enquanto tem o hábito de uma ciência, as possui de maneira intermediária entre a mera potência e a atualidade completa.

§ 704. E tendo afirmado que, uma vez que a mente se tornou parcialmente atual com respeito a certas ideias até então apreendidas potencialmente, ela é capaz de entender, ao passo que, considerada simplesmente em si mesma, carece dessa capacidade — porque isso poderia levar a supor que, mesmo em ato, a mente jamais pensa em si mesma —, Aristóteles acrescenta que, uma vez em ato, a mente é capaz de pensar não apenas sobre outras coisas, mas também sobre si mesma.

§ 705. Em seguida, em ‘Agora, assim como a dimensão é uma’, Aristóteles elucida o objeto do intelecto. Para compreendê-lo aqui, devemos recordar o problema apresentado no Livro VII da *Metafísica*, a saber: se a ‘quididade’ ou essência de uma coisa — tudo o que é significado por sua definição — é a mesma coisa que a própria coisa. E enquanto Platão separava as quididades (por ele chamadas de ‘ideias’ ou ‘espécies’) das coisas em sua singularidade, Aristóteles preocupava-se em mostrar que as quididades são apenas acidentalmente distintas das coisas singulares. Por exemplo, um homem branco e sua essência são distintos apenas na medida em que a essência do homem inclui apenas o que é especificamente humano, ao passo que a coisa chamada de um homem branco inclui também algo mais.

§ 706. E o mesmo vale para qualquer coisa cuja forma existe na matéria; há nela algo além de seu princípio específico. A natureza específica é individualizada pela matéria; portanto, os princípios individualizantes e os acidentes individuais não estão incluídos na essência como tal. É por isso que pode haver muitos indivíduos da mesma natureza específica — possuindo esta natureza em

comum, enquanto diferem em virtude de seus princípios individualizantes. Assim, em todas essas coisas, a coisa e sua essência não são inteiramente idênticas. Sócrates não é a sua humanidade. Mas onde a forma não existe na matéria, onde ela existe simplesmente em si mesma, não pode haver nada além da essência; pois então a forma é a essência inteira. E em tais casos, é claro, não pode haver vários indivíduos compartilhando a mesma natureza; nem o indivíduo e sua natureza podem ser distinguidos.

§ 707. Deve-se considerar também que as coisas que existem concretamente na Natureza — as coisas físicas — não são as únicas a ter suas essências na matéria; o mesmo se aplica às entidades matemáticas. Pois há dois tipos de matéria: a matéria sensível, que é intrínseca às coisas físicas e da qual o matemático abstrai; e a matéria inteligível, intrínseca às entidades matemáticas. Pois é claro que, enquanto a quantidade pertence imediatamente a uma substância, as qualidades sensíveis, como branco e preto ou calor e frio, pressupõem a quantidade. Dadas duas coisas, das quais uma é anterior à outra, se removermos a segunda, a primeira permanece; logo, se apenas suas qualidades sensíveis são removidas de uma substância por uma abstração mental, a quantidade contínua ainda permanece, na mente, após a abstração.

§ 708. Pois há algumas formas que só podem existir numa matéria dotada de certas qualidades sensíveis definidas; e tais são as formas das coisas físicas; e tais coisas, portanto, envolvem sempre matéria sensível. Mas há outras formas que não exigem matéria dotada de qualidades sensíveis definidas, mas requerem matéria existente como quantidade. Estes são os chamados objetos matemáticos, como triângulos, quadrados e similares; eles são abstraídos da matéria sensível, mas não da matéria inteligível; pois a mente retém a noção de um contínuo quantitativo após abstrair da qualidade sensível. Claramente, então, tanto os objetos físicos quanto os matemáticos têm suas formas na matéria, e em ambos há uma diferença entre uma coisa e sua essência; é por isso que, em ambos os casos, muitas coisas individuais são encontradas compartilhando a mesma natureza: por exemplo, homens e triângulos.

§ 709. Se esses pontos são compreendidos, o texto de Aristóteles não deveria apresentar dificuldades. Pois ele diz que ‘dimensão, e o ser da dimensão’ diferem, significando uma dimensão e sua essência — pois por ‘o ser da dimensão’ ele entende sua essência. Assim também ‘água’ e seu ‘ser’ são distintos; e similarmente no caso de ‘muitas outras coisas’, i.e., em todos os objetos físicos e matemáticos. Daí sua escolha desses dois exemplos: pois dimensão é um objeto matemático e água, um físico.

§ 710. Mas essa distinção não se verifica em ‘todas as coisas’; pois em substâncias perfeitamente imateriais a coisa é idêntica à sua essência. E como tais substâncias estão além do alcance da mente humana, Aristóteles não pôde atribuir-lhes nomes próprios, como podia com objetos físicos e matemáticos; então ele as descreve em termos extraídos de objetos físicos. É por isso que diz que ‘em certas coisas ‘carne’ e ‘seu ser’ são idênticos.’ Ele não quer dizer isso literalmente, senão não teria dito ‘em certas coisas’, mas teria absolutamente identificado carne e seu ser. Ele quer dizer que ‘em certas coisas’, i.e., substâncias imateriais, os dois fatores que distinguimos como a coisa concreta e o que é predicado dela — por exemplo, carne e seu ser — são idênticos.

§ 711. E como a diversidade nos objetos conhecidos implica diversidade nas faculdades cognoscitivas, ele conclui dizendo que ou a alma conhece uma coisa com uma faculdade e sua

essência com outra, ou ambas com a mesma faculdade funcionando de maneiras diferentes. Pois é óbvio que a carne só pode existir na matéria; sua forma estando numa matéria sensível definida e particular. O ser, também, que tem carne é uma coisa sensível definida, e.g., um nariz. Ora, essa natureza sensível a alma conhece através dos sentidos; é por isso que ele acrescenta que é pela faculdade sensorial que a alma discerne o quente e o frio e assim por diante, dos quais a carne é uma certa ‘razão’, i.e., proporção. Pois a forma da carne requer uma certa proporção definida de calor e frio e assim por diante.

§ 712. Mas o ‘ser da carne’, i.e., sua essência, deve ser ‘discernido’ por alguma outra faculdade. Mas o funcionamento de duas ‘faculdades’ distintas ocorre de duas maneiras. De um modo, a carne e sua essência podem ser discernidas por poderes na alma que são completamente distintos; a essência discernida pelo intelecto, a carne pelos sentidos; e isso ocorre quando conhecemos o indivíduo em si mesmo e a natureza específica em si mesma. Mas de outro modo, a carne e sua essência podem ser discernidas, não por duas faculdades distintas, mas por uma faculdade conhecendo de duas maneiras distintas — conhecendo de um modo a carne, de outro a essência da carne; e isso ocorre quando a alma cognoscente correlaciona o universal e o individual. Pois, assim como seria impossível para nós (como vimos) distinguir doçura de brancura se não tivéssemos uma faculdade de senso comum que conhecesse ambas ao mesmo tempo, também não poderíamos fazer qualquer comparação entre o universal e o individual se não tivéssemos uma faculdade que percebesse ambos ao mesmo tempo. O intelecto, portanto, conhece ambos ao mesmo tempo, mas de maneiras diferentes.

§ 713. Ele conhece a natureza específica ou essência de um objeto indo diretamente a esse objeto; mas conhece a coisa individual indireta ou reflexivamente, por um retorno aos fantasmas dos quais abstraiu o que é inteligível. Isso é expresso por Aristóteles ao dizer que a alma intelectual ou conhece a carne sensitivamente e discerne o ‘ser da carne’ com uma potência ‘outra’ e ‘separada’ — i.e., outra que não a sensibilidade, no sentido de que o intelecto é um poder distinto dos sentidos; ou conhece a carne e o ‘ser da carne’ por um único e mesmo poder intelectual funcionando diversamente; na medida em que ele pode ‘curvar-se’, por assim dizer, ‘sobre si mesmo’. Como ‘esticado em linha reta’, e apreendendo diretamente, ele ‘discerni’ o ‘ser’ ou a essência da carne; mas pela reflexão conhece a própria carne.

§ 714. Em seguida, em ‘Novamente, na esfera abstrata’, ele aplica o que havia dito sobre objetos físicos aos objetos matemáticos, dizendo que ‘na esfera abstrata’, i.e., ‘na matemática, onde abstraímos da matéria sensível, a linha reta é como o nariz achatado na esfera da matéria sensível. Pois linha é um objeto matemático, assim como nariz achatado é um físico; e a linha envolve essencialmente um contínuo, assim como o que é nariz achatado envolve um nariz. Mas o contínuo é matéria inteligível, assim como o que é nariz achatado é matéria sensível. Portanto, na matemática também a coisa e sua essência, e.g., a linha reta e sua retidão, são diferentes; assim, também na matemática, coisas e essências devem ser objetos de diferentes tipos de conhecimento.

§ 715. Como exemplo disso, suponhamos por um momento, com Platão, que a essência da linha reta seja a dualidade (pois Platão identificava as essências dos objetos matemáticos com números, de modo que uma linha era a unidade, uma linha reta a dualidade, e assim por diante). A alma deve então conhecer objetos matemáticos e suas essências de maneiras diferentes. Portanto,

assim como pode ser mostrado, no caso dos objetos físicos, que o intelecto que conhece suas essências é outro que não os sentidos que os conhecem em sua individualidade, também, no caso da matemática, pode ser mostrado que o que conhece as essências, i.e., o intelecto, é distinto do que apreende os próprios objetos matemáticos, i.e., a imaginação.

§ 716. E para que não se diga que a mente trabalha da mesma maneira na matemática e na ciência natural, ele acrescenta que a relação das coisas com o intelecto corresponde à sua separabilidade da matéria. O que é separado no ser da matéria sensível só pode ser discernido pelo intelecto. O que não é separado da matéria sensível no ser, mas apenas no pensamento, pode ser percebido em abstração da matéria sensível, mas não da matéria inteligível. Objetos físicos, no entanto, embora sejam discernidos intelectualmente em abstração da matéria individual, não podem ser completamente abstraídos da matéria sensível; pois 'homem' é entendido como incluindo carne e ossos; embora em abstração desta carne e destes ossos. Mas o indivíduo singular não é diretamente conhecido pelo intelecto, mas pelos sentidos ou pela imaginação.

§ 717. A partir deste texto de Aristóteles, pode-se prosseguir para mostrar que o objeto próprio do intelecto é, de fato, a essência das coisas; mas não a essência por si mesma, em separação das coisas, como pensavam os platônicos. Portanto, este 'objeto próprio' de nosso intelecto não é, como sustentavam os platônicos, algo existente fora das coisas sensíveis; é algo intrínseco às coisas sensíveis; e isso, embora o modo como as essências são apreendidas pela mente difira de seu modo de existência nas coisas sensíveis; pois a mente as discerne aparte das condições individualizantes que lhes pertencem na ordem da realidade sensível. Nem isso precisa envolver a mente em qualquer falsidade; pois não há razão pela qual, de duas coisas conjuntas, ela não possa discernir uma sem discernir a outra; assim como a visão percebe a cor sem perceber o odor, embora não sem perceber o fundamento necessário da cor, que é a magnitude espacial. Da mesma forma, o intelecto pode perceber uma forma aparte de seus princípios individualizantes, embora não aparte da matéria exigida pela natureza da forma em questão; assim, ele não pode entender o nariz achatado sem pensar em nariz, mas pode entender uma curva sem pensar em nariz. E foi justamente porque os platônicos não traçaram essa distinção que pensaram que os objetos matemáticos e as essências das coisas eram tão separados da matéria na realidade quanto o são na mente.

§ 718. Além disso, é claro que as ideias inteligíveis pelas quais o intelecto potencial é atualizado não são, em si mesmas, o objeto do intelecto: pois elas não são aquilo que, mas aquilo pelo qual ele entende. Pois, assim como na visão a imagem no olho não é o que é visto, mas o que dá origem ao ato da visão (pois o que é visto é a cor que existe num corpo exterior), também o que o intelecto entende é a essência existente nas coisas; não é sua própria ideia inteligível, exceto na medida em que o intelecto reflete sobre si mesmo. Porque, obviamente, é o que a mente entende que constitui o assunto das ciências; e todas estas, exceto a ciência racional, têm realidades como seu assunto, não ideias. Claramente, então, o objeto do intelecto não é a ideia inteligível, mas a essência das realidades inteligíveis.

§ 719. Disto se infere a inutilidade de um argumento usado por alguns para provar que todos os homens possuem um único intelecto potencial em comum. Eles argumentam a partir do fato de que todos os homens podem compreender um mesmo objeto; e dizem que, se houvesse realmente muitos intelectos humanos, eles teriam necessariamente muitas ideias inteligíveis. Mas essas ideias inteligíveis não são exatamente aquilo que a mente compreende; são apenas a semelhança

desta presente na alma; logo, é perfeitamente possível que muitos intelectos possuam semelhanças de um mesmo objeto, de modo que uma única coisa seja compreendida por todos. Além disso, as substâncias separadas devem conhecer as essências das coisas físicas que conhecemos; e, claramente, seus intelectos são distintos. Portanto, se o argumento acima fosse válido, sua conclusão — de que todos os homens têm apenas um intelecto — ainda assim envolveria uma dificuldade; pois não se pode reduzir *todos* os intelectos a um só.

Revision #1

Created 4 October 2026 20:03:15 by Admin

Updated 4 October 2026 20:03:58 by Admin